

O PAPEL DO MEDIADOR NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA) DE UM CURSO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA (TA) COM A PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL : UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MATEUS DE CARVALHO (Graduando do Curso de Educação Física da FCT/UNESP) ; MANOEL OSMAR SEABRA JUNIOR (Docente do Departamento de Educação Física da FCT/UNESP); DENISE GREGORY TRENTIN (Programa de Pós-graduação em educação da FCT/UNESP)

Grupo Temático: Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC no Processo de Ensinar e Aprender e na Formação Docente.

Durante a última década, as instituições educacionais brasileiras vêm passando por um processo de mudança muito significativo, com destaque para a introdução da Educação a Distância (EAD) no processo educacional (BEHAR, P. A.), que proporcionou uma melhora no acesso e nas condições do ensino-aprendizagem. Um curso que é oferecido em determinada região do Brasil, hoje através do EAD pode ser realizado por um aluno que mora em outra região, ou seja, uma pessoa que mora no sul do país pode fazer um curso que é oferecido no norte e vice-versa, eliminando assim grandes obstáculos, como o transporte, custos, tempo, disponibilidade de horários, entre outros. São exemplos que demonstram que para a educação não há mais distâncias, e sim uma integração de culturas e conhecimentos. Um dos grandes recursos que possibilitam este tipo de educação é o computador com acesso a internet e do conhecimento básico em informática. Esses são requisitos mínimos para iniciar o curso e poder acessar o ambiente de aprendizagem.

Quando se entra na questão à respeito de pessoas com deficiência, os cursos a distância são de grande utilidade, eliminando muitos obstáculos, principalmente relacionados a mobilidade. Uma situação real disso, e que eu acompanho, é do deficiente visual (DV), pois fica claro a dificuldade que eles têm quanto ao deslocamento de um lugar ao outro, sendo este muitas vezes um fator que impede ele de querer realizar um curso. Assim o ensino a distância melhora ao

DV a acessibilidade quanto a mobilidade para introduzi-lo no processo da educação, proporcionando a ele a realização do curso em sua própria casa. Mas a partir disso surge um outro problema: será que os ambientes virtuais de aprendizagem estão adaptados ao DV? É uma pergunta difícil de responder, pois depende de inúmeras variáveis que devem ser investigadas e discutidas. Mas vou relatar minha experiência quanto ao trabalho de mediação do curso que venho realizando junto aos DVs para que o problema dessa questão levantada seja pelo menos minimizado e entendido.

Em um dos cursos disponibilizados a distância, possui um oferecido pela FCT/UNESP de Presidente Prudente, através da plataforma Teleduc em parceria com o Nead - Núcleo de Informática de ensino à distância, que aborda sobre a questão das tecnologias assistiva, onde é oferecido para os professores da rede de ensino com a intenção de capacitá-los para a inclusão, orientando formas de trabalhar com pessoas com deficiência. Segundo Mello (1997), a tecnologia é considerada Assistiva quando é usada para auxiliar no desempenho funcional de atividades, reduzindo incapacidades para a realização de atividades da vida diária e da vida prática, nos diversos domínios do cotidiano. (ROCHA; CASTIGLIONI, 2005); ou seja, a tecnologia assistiva são recursos que promovem a acessibilidade quando se tem alguma limitação. O Relato de experiência, vivenciado por mim, autor do trabalho, o qual acompanho neste curso, que está na 4ª edição, quatro deficientes visuais, onde meu papel é ser mediador, auxiliando-os no manuseio no ambiente do curso. Em Educação à Distância (EaD), a Mediação é um conceito importante, constituindo-se das situações comunicativas entre as pessoas reunidas em torno dos saberes a ensinar e aprender. (MALLMANN; CATAPAN, 2007).

O meu papel como mediador é fazer com que o DV tenha uma maior autonomia para realizar as atividades propostas no curso. Eu não tinha nenhuma experiência com DVs, assim o primeiro contato foi compreender a maneira de se comportar e como eles se comportam. Quais são suas atitudes e suas reações diante de alguma atividade, ou seja, primeiramente fiz um diagnóstico da situação para depois começar o trabalho.

Para que um DV possa ter acesso ao computador foram desenvolvidas algumas tecnologias, usando o recurso audiodescritivo, que transforma os estímulos

visuais em estímulos auditivos. Existem alguns programas que realizam estes tipos de conversão que busca introduzir o DV com autonomia no uso do computador. Mas para isso a pessoa precisa ter no mínimo conhecimentos básicos de informática, principalmente noções de digitação. Por isso recomenda-se que sempre antes de fazer um curso à distância o participante faça um curso de informática; e claro, de forma presencial.

Para acessar a internet, os DVs utilizam um programa chamado NVDA, onde as siglas em português significa - Acesso Não-Visual ao Ambiente de Trabalho, que é um leitor de tela, específico para o acesso a web, sendo ideal para a realização do curso. Tudo o que é digitado e acessado o leitor de tela transforma em áudio. O leitor de tela e o fone de ouvido é de extrema importância para uma pessoa com deficiência visual, pois sem estes recursos não seria possível o acesso a internet.

Os DVs que estou auxiliando realizam o curso em uma sala de recurso multifuncionais cedida pelo MEC, locata na UNESP de Presidente Prudente, pois não possuem computadores em casa. Os quatro DVs, que estão fazendo este curso, já possuem um conhecimento em informática, assim menos um obstáculo a ser enfrentado, por eles e pelo mediador.

Após, então, compreender e conhecê-los, comecei a construir o método de trabalho, objetivando a forma de intervenção e quais os caminhos eles deveriam tomar para iniciar o curso. O processo de ensino-aprendizagem tem potencial para tornar-se mais ativo, dinâmico e personalizado por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (DIAS et. al., 2011). O papel principal do mediador é nos primeiros dias (onde ele deve ensinar como faz para entrar no ambiente do curso) e apresentar de forma clara, como está distribuído na tela as ferramentas que serão acessadas e também para que servem cada uma, descrevendo as figuras que possuem, as cores, as colunas que existem, ou seja, deve-se falar tudo que se tem na tela do ambiente, transformar todo estímulo visual em auditivo. Tudo isso para deixar mapeado para cada cursista como é que funciona a dinâmica do ambiente e o que existe nele. É um processo que exige paciência e tempo, pois percebemos que o layout do curso é acessível para os DVs mais que poderia ser melhor, ou seja, os caminhos a serem percorridos são bem difíceis e poderiam ser modificados para facilitar o acesso. Mas, contudo, o

mediador deve apresentar o melhor caminho e a melhores estratégias para exploração do ambiente.

Em comparação a um vidente, o DV demora mais para acessar as ferramentas do curso e realizar as atividades, assim o mediador deve ter paciência, e nunca demonstrar a eles se estiver irritado, sendo essa uma variável que pode atrapalhar nas atividades e no próprio desempenho do cursista. É premente que o mediador estimule os cursistas e motive o grupo, pois diante de muitos obstáculos eles podem desanimar e desistir do curso. Outro ponto interessante que deve-se levar em conta é o local onde estão fazendo o curso, por exemplo, se a cadeira está confortável, se está calor ou frio, se tem banheiro, água, são pequenos detalhes que estimulam o cursista, além também da questão do silêncio, deve ser um ambiente bem silencioso, para não atrapalhar na hora que eles estiverem fazendo as atividades. Esses são pontos primordiais que o mediador deve atentar.

Depois que segui os passos iniciais, como apresentar o layout do curso e ensinar as formas de acesso, deixei com que o cursistas fizessem praticamente tudo, tirando sempre suas dúvidas quando solicitado, mas nunca interferi nas atividades. Quando surge algum problema, peço para que eles tentem resolvê-lo, se então não conseguirem, aí mostro o caminho a ser tomado, mas nunca faço para eles, pois estarei contribuindo para que não tenham autonomia. E esse é o principal ponto do mediador, fazer com que eles tenham uma maior autonomia possível.

Toda vez que eles realizam alguma atividade seja leitura de um texto ou assistam um vídeo, paramos e juntos refletimos sobre aquele determinado assunto; e como eles estão fazendo um curso que aborda a questão das limitações e da inclusão, as discussões são ricas e trazem grandes contribuições para eles e para o mediador, esclarecendo melhor o conteúdo e fazendo com que eles se apropriem do assunto. Algumas atividades possuem figuras, onde estas devem ser descritas pelo mediador, pois o DV precisa ter o mesmo acesso que qualquer outro cursista, conhecer tudo o que é proposto, pois não há acesso a figuras, ou seja, os leitores de tela não descrevem figuras. E esse é um dos pontos sem acessibilidade do curso, pois se existem figuras, estas devem ser autodescritivas, para que o DV não precise do auxílio do mediador. Podemos dizer que um ponto

chave quanto a questão supracitada, é que, quanto menos o cursista deficiente visual precisar da ajuda do mediador, mais acessível está o curso. Segue abaixo o relato de um dos cursistas com DV do curso, quando foi perguntado que sugestão ele daria para o ambiente do curso ficar mais acessível? .

Depoimento: ***Que os links fossem colocados de maneira mais fácil acesso, ou seja deveriam ser colocados em uma única páginas os principais link, com isso os dvs teriam o acesso com mais facilidade, sem que para isso fosse necessário ajuda dos mediadores.***

Quanto ao relacionamento entre o DV e o mediador estes possuem algumas questões que devem levar em conta, por exemplo, se o mediador precisar sair da sala onde está o grupo, este deve sempre falar que está saindo, e quando retornar também deve dizer que voltou; pois pode acontecer que solicitem algo. É importante também o mediador deixar ser tocado por eles, para que tenham a noção de como ele é, e sempre estar falando a roupa que está vestindo, ou seja, o mediador são os olhos do DV naquele ambiente, então cabe a ele decrever tudo que está em sua volta.

O objetivo deste trabalho, em primeira instância o de favorecer conhecimentos sobre inclusão escolar, e em seguida com a contribuição do mediador é verificar se este curso que apresenta as tecnologias assistiva, e aborda a questão da inclusão, está acessível ao DV, ou seja, se realmente o próprio curso sobre inclusão está proporcionando inclusão, buscando compreender os caminhos que devem ser tomados para que o DV possa realizar um curso a distância com autonomia e independência. Por isso, a necessidade de um mediador junto ao cursista DV, para que os dois juntos descubram quais são as dificuldades e os obstáculos que devem ser enfrentados no AVA, para que o curso seja mais acessível e inclusivo. Com o auxílio de um mediador, hoje eles conseguem realizar o curso, mas como o objetivo não é esse, devem sim ser feitas algumas adaptações para que o papel do mediador, de forma presencial, se extinga nos encontros que fazemos, são relatados as dificuldades e o que precisam ser modificados, o mediador e o cursistas fazem suas contribuições e buscam juntos encontrar a melhor forma de acesso. Essa adaptação é um grande desafio, pois depende de uma equipe multidisciplinar que esteja disposta a fazer a diferença e melhorar o acesso aos DVs, pois se não nos comprometermos a tornar igualitária

o acesso a educação, estaremos contribuindo para a segregação do conhecimento, vivendo um egoísmo alicerçado na autorealização, contribuindo ainda mais para a divisão da sociedade.

Desenvolver programas e recursos para facilitar e integrar o acesso as pessoas com deficiência é saber que esta fazendo a diferença, e tornar aquela limitação um meio para a promoção da vida, que a partir de tal recurso a pessoa tenha a oportunidade de também fazer a diferença e mostrar que mesmo diante de qualquer obstáculo ela é capaz de superar e modificar a realidade que se têm quanto ao preconceito para com elas.

Por fim, minha experiência quanto a este trabalho de monitoria, é uma grande porta para quebra de barreiras e para tornar possível o acesso daqueles que lutam por recursos melhores para se incluir na sociedade e na educação.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patrícia Alejandra. **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância**. - Porto Alegre, Artmed, 2009. Disponível em <
http://downloads.artmed.com.br/public/B/BEHAR_Patricia_Alejandra/Modelos_Pedagogicos_Educacao_Distancia/Liberado/cap_01.pdf Acessado em: 29 de maio de 2011.

ROCHA, E. F.; CASTIGLIONI, M. C. Reflexões sobre recursos tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 3, p.97-104, set./dez., 2005.

MALLMANN, Elena. M. e CATAPAN, Araci. H. Materiais didáticos em educação a distância: gestão e mediação pedagógica. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.8, nº2, jul/dez, 2007.

DIAS, Maria Regina Álvares C.; PEREIRA, Alice Theresinha Cybis e SCHMITT, Valdenise. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Disponível em: <<http://www.livriacultura.com.br/imagem/capitulo/2259532.pdf>>; Acesso em: 29 de maio de 2011.